

18.06.1961

Artes plasticas

Trabalhos mediocres premiados no Salão

Percorrendo-se o X Salão Paulista de Arte Moderna, fica-se com a impressão de que a pintura "reconhecida" se distribui entre os abstratos e os concretos, o que, evidentemente, não passa de uma condescendência do júri. Neste, apenas Maurício Nogueira Lima seria capaz de levar o júri ao cruel resultado a que chegou. O maior prêmio coube a Arnaldo Ferrari, com um ortogonal por inteiro desimportante, como costumava dizer Mário de Andrade. Prêmio inconcebível, perfilhando a palavra ouvida ao acaso da visita, na reação de um juiz crítico anônimo. Verdaderamente inconcebível. Como inconcebível é caber a Luiz Sacilotto, pela "Concreção 6146", o Prêmio Governador do Estado. Uma folha de alumínio, cortada e dobrada, e está criada uma obra de arte! Não vamos criticar esses dois mediocres trabalhos, o do pintor e o do escultor, que mal se justificariam apenas para expor. Outro pintor premiado com grande relevo (Prêmio Governador do Estado) é Thomaz Perina, que está no mesmo caso de concretismo des-cabelado.

O júri, inexplicavelmente, já que tinha dado tantas provas de displicência, acertou nos prêmios menores, como na concessão da pequena medalha de ouro a Leopoldo Raimo, inegavelmente, um pintor em ascensão, tanto no grande quadro "Imensidão" como no "Terra azul", plenamente resolvidos. É pena que o júri ignorasse a boa pintura de Fukushima, o notável "Pintura G", que põe para trás tudo o que o pintor apresentou na sua exposição do Museu de Arte Moderna. Salvou-se o júri ao atribuir a grande medalha de ouro a Sanson Flexor. Enquanto é discutível a grande medalha de prata atribuída a Odetto Guersoni, pelo "Homem subjugado". Mais merecida foi a atenção dada a Nereci que obteve a medalha de prata com "Triste recordação", o melhor de seus dois trabalhos. Incidindo em erro maior, o Júri ignorou o caso de Ismenia Coaracy, em melhor evolução, assinalada pelo quadro "Infinito VII", enquanto Lothar Charoux

com os "Quadrados inscritos" chegou até a aquisição, prêmio também na área do concretismo, que obnubilou a visão do júri. Não acertou o júri na aquisição de José Gamarra, preferindo o quadro mais fraco.

Entre tantos equívocos, Maria Polo, mal representada por dois quadros regularmente fracos, quando ela se acha em excelente fase de trabalho, recebeu a pequena medalha de prata. Também não estamos de acordo com o critério que premiou o desenho insofrido ainda de Anesia. Agiu, entretanto, melhor, com Acacio Assunção, e mesmo com o ingenuo sacro de Raimundo Oliveira. O prêmio aquisição para Nelson Leirner ainda foi menos acertado, pois sua outra textura é muito superior à escolhida. Na gravura, Miriam Chiverini defendeu bem a atenção que lhe dispensou o júri, em seus dois "Divertissement". É uma boa demonstração de gravura como deve ser entendida. Decio Ferreira, igualmente, apresenta gravura merecedora de atenção, o que o júri reconheceu. O erro do júri está flagrante na pesquisa falhada de Mona Gorovitz, com suas "Formas cromáticas".

A margem das premiações, é lamentável que o júri não tivesse de maneira alguma considerado o enorme esforço renovador efetuado por Aldo Bonaldi, dono talvez da melhor pesquisa levantada neste Salão, cujo quadro "Crivo" se apresenta de maneira inusitada com o seu colorido iluminado e transparente. Não entendemos porque o catálogo não mencionou na gravura o trabalho de Dora Basilio, "Candeia" e "Carro", também merecedores de atenção. E a "Natureza morta n.º 39", de Douglas Marquês de Sá mereceria igualmente uma consideração. Registremos a evolução de Maria Antonieta de Souza Barros, nas suas "Metamorfoses". Registre-se, igualmente, a pesquisa seria de Thomaz Ianelli, com "O menino e a lampada" e "Natureza morta".

Até aí, uma rápida visita a este Salão, que apresenta uma boa ilustração da pintura paulista, no ano da VI Bienal, com ausência total de escultura.